

os meus passeios

1

A minha reflexão de hoje foi essa história da arte pela arte ou arte pela vida, que agita os melos intelectuais portugueses, neste momento. Para o que me havia de dar!

Há pouco, ainda havia unanimidade a esse respeito: arte pela arte; mas agora, e como só isto já anima, discute-se, combate-se. Porém, tanta palavra perdida, tanto juízo sem sentido!

Talvez não desinteresse saber como o assunto é pensado por um não artista de qualquer espécie, por um não intelectual, não jornalista, não filósofo (amador de filósofo, como agora modestamente se disfarça) não cientista, nem ao menos doutor, graças a Deus; enfim, por um trabalhador, autodidata, pouquíssimo didata e muitíssimo auto! Pois este homem não pode deixar de sorrir ao ler esses farfalhantes e lindas coisas que por aí se dizem agora. A finalidade do artista para aqui, a finalidade do artista para ali! Mas então a finalidade é única razão de ser do artista não é apenas, e suficientemente, a de ser artista?! Parece-me bem que o fim do artista é simplesmente ser, é ser si mesmo. Ele é determinada mente o que é, e porque o é. Seu fim é apenas o de viver, sendo artista como é. Não vive para ser artista; é artista porque vive. É artista biologicamente, o seu fim é biológico como o de todo o mundo. Ou julgar-se-á que os artistas são seres à parte? Capazes disso, alguns pedantes. Faz-se arte tal e qual como todos nós fazemos outrotanto equivalente, segundo o nosso valor e carácter e tal, exactamente, como o pirriteiro dá pirritos. Seres e coisas, todos vivemos como, para e segundo a vida com que a natureza mãe nos dotou. Portanto, a arte é um facto da vida, um modo da vida, um exemplo, uma forma da vida. Nada é nem vale fora da vida. E tem sido o homem com o seu eterno e conhecidíssimo sestro de inventar rótulos quem criou uma ética das finalidades, «o conto maravilhoso das finalidades». Esta, como tanta outra complicação, é produto do instinto dialéctico do homem (Sublimação do instinto guerreiro?). Agora bem, como é que o homem faz a sua arte, com que rótulo, com que ética, com que invenção? Cá para mim, amigos, de duas maneiras apenas, a saber: pedantesca, de macacos aristocratas e é a «arte pela arte» chamada; ou

na idéa de ser útil, vivendo a alegria e o sofrimento estranhos: dos homens, dos seres, e até das coisas, segundo o conhecimento (experiência) e a imaginação de cada qual, e exteriorizando essa alegria e sofrimento, isto é, reagindo-lhe, segundo a respectiva peculiaridade individual. Aqui temos, neste segundo caso, arte vivida, arte sincera, arte útil, arte pela vida, segundo a vida e para a vida, arte que é mesmo vida. É claro que também a outra, a arte dos macacos-senhores, pedantesca e superior, não é menos vida, autêntica e humaníssima (e nem menos útil, tal e qual como os próprios percevejos, que —quem sabe!—terão a sua utilidade; pelo menos, foram «criados por Deus» tanto como as andorinhas). Mas ao passo que uns artistas, esses «deuses», o são ou pretendem ser procurando superar-se, «transcender-se» como homens (nada menos) resultando assim grotescos quando sinceros e repugnantes todos os mais; a maioria dos outros artistas nunca procura sair da sua divina simplicidade de humanos, solidários de todos os homens, universalmente, perpétuamente. Não se propõem por isso fazer senão arte pela vida, pois que fora da vida não há senão a pedantice de cada qual. Essa solidariedade, em muitos até mesmo procurada utilidade, vivem-na pessoalmente, segundo a chama que tragam «lá no seu peito», como dizia uma mondina cantadeira que eu conheci em tempo. «Esta é cá do meu peito», dizia-me a pobre de algumas quadras por si imaginadas.

Não há, pois, que discutir como deve ser a arte. Seja cada qual o mais livremente artista conforme a sua pessoa. E nós, os trabalhadores, cá estamos para considerar e adorar a uns, nossos geniais irmãos; e outros para passarlhes adiante, cuspidos à porta de suas torres de marfim. Marfim de bois, que o outro falta muito entre nós.

2

Ontem fui a Lisboa e calhou ver um enterro. Um funeral; enterro chamamos-lhe nós aqui, provincianamente. Linda coisa aquilo. Portentoso, chique.

Disseram-me é que custa cinco contos, seis, e até mais. Já li um livro que falava dum agência americana que, a partir de certo preço na tabela da casa, dava direito a

um verdadeiro sorriso no cara do morto. Por sinal que a viuva, nesse romance, aceitou tudo quanto lhe induziu o empregado da agência funerária e ponde assim voltar a ver o seu pobre marido, velho carregador de docas, assassinado pela polícia (foi na América), com o mesmo feliz aspecto de como apenas no longínquo dia do seu casamento o gosara.

Não sei se as casas congéneres portuguesas também incluem nos seus preços a maquilhage e que tais progressos. Não vi o morto. Mas vi o cortejo, riquíssimo e imponente. Cinco contos é dinheiro,—mas aquilo era realmente de embasbacar. Ou esse imponentíssimo e rico cortejo ou os «enterros» nalgumas freguezias do meu concelho: o morto num caixão de tábuas mal forradas de chita preta, que o patrão, geralmente, deixa ao seu abegão executar gratis, quilómetros andados num carro de bois também cedido, desde o monte ao cemitério da freguezia; quando o caixão não val atravessado no dorso dum cavalo, por não haver carro, ou o não emprestarem para a emergência. E ninguém estranha, de entre nós. Porquê? Que diferentes foram essas vidas, para que se lhes estranhassem tais entêrros? Está mesmo bem; assim é que é. Pelo menos lógico. Esses que de tanto cavar aí andam sempre dobrados para a terra, em jeito que a própria coluna vertebral tomou e já não perde; esses que toda a vida deram o pão, colhido por suas próprias mãos de esfomeados e miseráveis de tudo, a enfatuados, excellentíssimos e preclaríssimos senhores: os das letras, das artes, das finanças... que outros enterros senão os seus, tão sérios e naturais, afinal, deveriam eles ter! Cinco ou seis contos! Se algum deles souber que este é o preço do cortejo fúnebre dum dessas importantes e excellentíssimas pessoas, que dirá? Que dirá ele, que não ganha, metade desse dinheiro labutando de sol a sol todo um ano! Que dirá?

Diz lá nada! Fica até pensando, beata e tranquilisadamente, que tal desses senhores não podia deixar de ter sido algum quasi deus—que outros deuses vivos acompanhassam ao Olimpo, comodamente refastelados em automóveis caros. Pelo menos, eu, fiquei a pensar isso mesmo, ontem, em Lisboa. É verdade, amigos.

JORGE VICTOR

No segundo aniversário de 506 NASCENTE

Recebemos dos nossos amigos e leitores numerosas cartas e postais felicitando-nos pela passagem do segundo aniversário da nossa revista. Na impossibilidade de agradecermos a todos individualmente, fazemo-lo por este meio, aproveitando a oportunidade para declarmos, uma vez mais, que não desanimaremos na nossa obra de cultura viva por maiores que sejam as dificuldades que nos surjam no nosso caminho.

Também se nos referiram com elogiosas palavras os nossos colegas: *O Diabo, Independência d'Agueda, O Montemorense, O Jornal de Ilhavo*, etc.

Agradecemos.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Vamos proceder por estes dias à cobrança de uma nova série de 5 números da nossa revista. Esperamos que os nossos prezados assinantes se apressem a satisfazer as importâncias das suas assinaturas pois *Sol Nascente* vive apenas dos seus assinantes.

A todo aquele que não for encontrado em casa ou resida longe das localidades onde há correio pedimos para enviar a importância da assinatura em selos do correio (de 40 centavos)

art e s plásticas

ERNST BARLACK

Faleceu recentemente em Rostock, com a idade de 69 anos, Ernst Barlack, escultor e pintor alemão a quem os nazis tinham proibido não só de expor os seus trabalhos mas também de esculpir e pintar. Morreu de desgosto vital.

A sua arte marcadamente pessoal exprimiu um goticismo bem característico, todo feito de comunicação com o povo cujas dores e tragédias soube sentir.

Foi na Rússia, onde esteve a partir de 1906 que Barlack conseguiu libertar-se de influências anteriores. Os temas da sua obra foram sobretudo expressivos camponeses e mendigos, esculpidos em madeira, material que melhor se adaptava às suas tendências. A sua arte referiu-se já no número 32 de «Sol Nascente» o nosso colaborador Rodrigo Soares.